

Professor: Arnin Braga

Disciplina: História da Filosofia Moderna I

Semestre: 3º de Filosofia

KANT: A DIALÉTICA TRANSCENDENTAL

1. INTRODUÇÃO: AS FORMAS PURAS DA RAZÃO

A “Dialética Transcendental” é a parte da “Crítica da Razão Pura” onde Kant se ocupará das formas puras da RAZÃO. O filósofo em questão nota que existem ideias na razão que não possuem nenhum correlato com a experiência sensível e estão além das categorias de ESPAÇO E TEMPO. São estas ideias: ALMA (eu), MUNDO (tudo o que não sou eu) e DEUS (o incondicionado). Kant chama estes conceitos de “ideias puras da Razão”, pois elas só existem na razão humana e não possuem nenhuma correlação com a sensibilidade. Tais ideias puras da Razão não são conhecimento. Mas isto não quer dizer que elas não têm importância no processo do conhecer, muito pelo contrário, tais ideias são PRINCÍPIOS REGULADORES DO CONHECIMENTO: São TRANSCENDENTES (porque estão fora da realidade sensível) e são TRANSCENDENTAIS (pois atuam como condição de possibilidade para todo conhecimento). Em outras palavras, Kant notou que só podemos fazer qualquer afirmação sobre a realidade se antes temos a consciência de um “eu”, de um “mundo” e de um “incondicionado”, mesmo que nunca tenhamos feito a experiência total do que somos (eu), do que não somos (mundo) e do incondicionado (Deus).

Logo, para definir coisas particulares advindas da experiência, o ser humano necessita de uma ideia do todo para poder afirmar qualquer coisa. As estruturas da Razão Pura que nos permitem fazer esta síntese da totalidade são justamente os conceitos de ALMA, MUNDO e DEUS. Vejamos agora como Kant analisa cada uma destas ideias puras da Razão.

2. ALMA: TUDO O QUE SOU EU

Para Kant, a Alma (*Geist*) é o conceito que representa a unidade absoluta e incondicionada do sujeito pensante. No entanto, toda vez que queremos explicar racionalmente a alma, caímos em PARALOGISMOS, isto é, argumentos que seguem uma forma lógica, mas que não tem correlato com a experiência.

Por exemplo, ao definirmos a “Alma” como a síntese de todos os fenômenos internos, atribuímos à ela algumas qualidades como: substância imaterial, simples, incorruptível, imaterial. Mas estas qualidades são impossíveis de ser experimentadas empiricamente, pois não possuem nenhum correlato com a experiência, apesar de que racionalmente se apresentam como qualidades evidentes.

Mas isso quer dizer que a Alma é só uma invenção da razão como dizia Hume? Não. Porque para Kant, a Alma não é uma realidade intuitiva, mas é um ideal necessário para que o ser humano faça a síntese de suas experiências internas e possa entender as partes. Em outras palavras, só podemos entendermos a nós mesmos pelas partes (como fazem as ciências), porque a priori já possuímos a consciência da ideia pura de “Alma”, que permite a síntese.

3. MUNDO: TUDO O QUE NÃO SOU EU

Para Kant, *Mundo* é o conceito que representa a unidade absoluta e incondicionada das condições dos fenômenos externos ao sujeito. Isto é, mundo é a síntese de todas as experiências externas do sujeito. O problema é que ao sintetizar todas as experiências sensíveis, a razão humana tende a fundamentar tal síntese em uma realidade além do físico e dá-lhe caráter de efetividade. Essa contradição na razão, Kant chama de ANTINOMIA.

O mundo é uma série de fenômenos. Tais fenômenos físicos não podem ter uma causa metafísica porque isso é ilógico. Mas aceitar que o mundo é uma série infinita de fenômenos também é algo ilógico. Logo, a razão cai em uma ANTINOMIA. Para tentar resolver essa questão, Kant parte para o último Ideal da Razão: o conceito de Incondicionado ou Deus.

4. DEUS: O INCONDICIONADO

Para Kant, Deus surge como um IDEAL TRANSCENDENTAL, isto é, como uma exigência da Razão que possibilita a realização de uma síntese, isto é, a compreensão do todo. O ser humano precisa da ideia de Deus para poder fazer uma síntese da totalidade da realidade. Mas este Deus é só uma ideia, uma invenção da Razão? Ou de fato ele existe? É possível provar sua existência?

Quando Kant analisa a questão das provas clássicas da existência de Deus, ele se encontra com aquilo que ele chamou de PARALOGISMOS, ou seja, argumentos que possuem uma forma lógica, mas não concluem em um conhecimento. No caso de Deus, explicou-se muito bem a possibilidade de sua existência por meio de raciocínios lógicos, mas

não foi possível demonstrar de fato sua real existência. Segundo Kant, os paralogismos mais importantes foram o argumento ontológico de Santo Anselmo e a III e V via de Santo Tomás de Aquino.

Mas antes de analisar as teorias destes dois filósofos medievais, Kant nota que a questão de Deus se sustenta em uma ANTINOMIA, isto é, em uma contradição da Razão. Todos os fenômenos que se apresentam a nós só podem ser compreendidos porque se apresentam em uma série, ao que chamamos de causalidade. A Razão exige a síntese dessa série para que possamos ter um conhecimento do todo. Essa síntese chamamos de INCONDICIONADO ou DEUS. E aqui surge a ANTINOMIA:

TESE: O Incondicionado sendo uma parte da série

Segundo esta tese (a tese clássica de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino), todos os elementos da série estão subordinados por uma parte dela: a Causa Primeira. Porém, existe uma contradição lógica aqui: Todos os elementos da série possuem um início no espaço e no tempo. Logo, é ilógico pensar que o incondicionado deva estar fora do espaço e do tempo, pois isso implicaria um salto ontológico que é impossível de se explicar. Como o retorno de coisas finitas pode terminar em algo finito? Logo, pensar o incondicionado como algo fora da série é ilógico.

ANTÍTESE: O Incondicionado sendo a série inteira

Segundo esta antítese (proposta por Espinosa e, futuramente, por Nietzsche), todos os elementos da série são condicionados entre eles. Só é possível ver o incondicionado quando tomamos a série por inteira, sem fixar-nos em uma espécie de Causa Primeira. Porém, aqui também existe uma contradição lógica: caímos em um retorno infinito, o que impossibilitaria nossa capacidade síntese do todo.

Para Kant, todas as provas da Existência de Deus de Santo Anselmo e Santo Tomás não conseguiram resolver esta antinomia. Vejamos como Kant aponta a falha de cada prova:

- *Critica a Santo Anselmo e ao argumento ontológico*: do conceito de Deus não podemos deduzir a evidência de sua existência, principalmente pelo fato de que o conceito “Deus” é desprovido de conteúdo fático. Quando dizemos, “Deus existe”, este é um “predicado pensado” não um “predicado real”.

- *Critica a terceira via de Santo Tomás de Aquino (via cosmológica)*: Santo Tomás de Aquino afirmava que a existência de um mundo finito, revela que sua causa é infinita e necessária. No entanto, Kant revela na primeira antinomia que isso é ilógico pois o princípio da causalidade só serve para fenômenos. Logo, o “Ser necessário” encontrado por Santo Tomás, ainda que fosse o primeiro da série de fenômenos, estaria incluído nela, o que também é ilógico, pois cairíamos em um regresso infinito.

- *Critica a quinta via de Santo Tomás de Aquino (via físico-teológica)*: Santo Tomás de Aquino afirmava que tudo o que existe age por uma causa, uma finalidade, logo, existe uma inteligência suprema que governa e ordena tudo. Para Kant, este argumento pode provar a existência apenas de um ser organizador da série, mas nunca sua causa. Para recorrer a uma ideia de Deus criador, deveríamos recorrer outra vez ao argumento de Santo Anselmo, que já foi invalidado. O erro de Santo Tomás, para Kant, foi fazer um salto ontológico segue seu raciocínio no mundo dos fenômenos e, de repente, salta para uma realidade além dos fenômenos, sem explicar, no entanto, como isso pode ocorrer logicamente.

5. CONCLUSÃO DE KANT: O DESPERTAR DO SONO DOGMÁTICO

A conclusão que chega Kant em sua *Critica da Razão Pura* é a seguinte: é impossível demonstrar racionalmente a existência de Deus. No entanto, isso não nega sua existência. Para o conhecimento finito e limitado do ser humano, Deus surge como um ideal da Razão Pura que possibilita a ideia de um todo, mas tal ideal por si mesmo é incognoscível para nossa razão limitada.

Logo, depois da crítica de Kant, é impossível falar de “provas” da existência de Deus, pois ele mostrou que nossa razão cai em paralogismos e antinomias toda vez que queremos explicar o nexos causal entre Deus e as coisas existentes. No entanto, a partir do pensamento kantiano, surgiram algumas lacunas que ainda ficaram abertas:

- A razão humana reclama e exige sempre um fundamento que dê sentido ao mundo.
- Como o ser humano, um ser finito, é capaz de pensar o infinito?

Tais fatos ressaltados por Kant revelam que o ato de crer possui uma racionalidade concreta: a fé tenta responder a estas duas lacunas que, como mostrou Kant, a razão não alcança, a saber: a necessidade de um fundamento para o mundo e a existência na mente humana de um conceito que sempre a supera.

REFERÊNCIA:

DEKENS, Olivier. *Compreender Kant*. Edições Loyola: São Paulo, 2008.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura e outros textos filosóficos*. Editora Abril Cultural: São Paulo, 1975 (Coleção Os Pensadores)